

**FLORESTA É O NOME DO MUNDO, DE
URSULA K. LE GUIN: UM ROMANCE DE
ALEGORIA ETNOGRÁFICA**

**THE WORD FOR WORLD IS FOREST, BY URSULA K. LE
GUIN: A NOVEL OF ETHNOGRAPHIC ALLEGORY**

Raquel Mayne Rodrigues¹

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

RESUMO (RESENHA): GUIN, Ursula K. Le. *Floresta é o nome do mundo*. São Paulo: Morro Branco, 2020. 158 p. Tradução de Heci Regina Candiani.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica; meio ambiente; etnografia; Floresta é o nome do mundo

ABSTRACT (REVIEW): GUIN, Ursula K. Le. *Floresta é o nome do mundo*. São Paulo: Morro Branco, 2020. 158 p. Tradução de Heci Regina Candiani.

KEYWORDS: Science fiction; enviroment; ethnography; The Word for World is Forest

Filha dos antropólogos Theodora e Alfred Kroeber, Ursula K. Le Guin (1929-2018) foi uma reconhecida escritora estadunidense cujas obras de ficção são, em sua maioria, canônicas da ficção científica e ficção fantástica. Para Rodrigues, Mineiro e Brito (2020) os conflitos nas histórias de Le Guin não se restringem à dicotomia entre o bem e o mal, mas antes, concentram-se em imaginar possibilidades diversas de existência e de resistência em mundos caóticos. No memorial intitulado “Ursula K. Le Guin, Acclaimed for Her Fantasy Fiction, Is Dead at 88”, publicado no jornal *The New York Times* em 2018, em ocasião do falecimento da autora, Gerard Jonas (2018) afirma que “seus conflitos, com frequência, são baseados no choque entre culturas e se resolvem mais por intermédio da conciliação e sacrifício próprio do que por intermédio de lutas de espadas e guerras espaciais”.

Como apontado por Silva (2019), *The Word for World is Forest* ou *Floresta é o nome do mundo*, romance publicado originalmente em 1972 e que chegou aos leitores brasileiros somente em 2020, foi escrito por Le Guin como uma espécie de manifesto de oposição à Guerra do Vietnã (1959-1975) e ao desmatamento das florestas daquele país, perpetrado pelas ofensivas do exército dos Estados Unidos. O livro retrata um futuro distópico em que os humanos da Terra colonizam e exploram outros planetas para obter o recurso que esgotaram em seu próprio: a madeira. Já não há mais árvores na Terra.

O planeta Athshe, coberto quase exclusivamente por florestas e oceano, é lar de uma população de humanos de comparada baixa estatura e corpos cobertos por pelos verdes - em evidente alusão à imagem do esverdeado alienígena do imaginário comum - esses habitantes nativos do planeta, os athsheanos, pertencentes à outra espécie do gênero *Homo*, se vêem envolvidos em um esquema de exploração e escravidão por parte dos terráqueos que tentam reproduzir, neste planeta *outro*, práticas fundadas na lógica dualista que compreende os seres humanos, isto é, a sua cultura, como indivíduos apartados da natureza.

Savi (2021) compreende que práticas e representações da Terra como aquela imaginada por Le Guin ressoam com os dilemas do Antropoceno, tempo geológico conceitualizado como a “era dos humanos”, na qual as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade, por exemplo, são a derradeira consequência das atividades antró-

picas exploratórias empenhadas por certos grupos da humanidade, que almejam, sobretudo, a subjugação do meio natural em prol do capital. Os athsheanos articulam um movimento de resistência às práticas terráqueas, tanto de exploração do meio ambiente quanto dos seres humanos, ao mesmo tempo em que são expostos a elementos culturais de seus antagonistas, tais como a própria violência, cujo conceito e prática eram algo completamente *estranho* à sua cultura - mas que gradativamente é incorporado em suas ações - ao observar o comportamento dos terráqueos entre si e em relação aos nativos - em uma tentativa de preservar sua liberdade.

O romance é estruturado em oito capítulos; o narrador onisciente, por meio do discurso indireto livre, intercala a focalização interna entre cada um dos três personagens centrais, logo, três perspectivas distintas sobre os acontecimentos são construídas ao longo da narrativa: a do capitão Davidson, cuja visão nos é apresentada logo no primeiro capítulo, o terráqueo que almeja “domesticar” Athshe e que defende a total subjugação dos athsheanos; a de Selver, nativo do planeta, considerado uma divindade por seu povo e que se torna a figura de liderança da resistência dos athsheanos; e a do antropólogo terráqueo Lyubov que, por viver em conflito com Davidson e desenvolver uma amizade com Selver, enfrenta dilemas morais entre os objetivos de sua função na expedição e suas próprias crenças enquanto cientista. A partir destes três personagens, o leitor ou leitora percorre o processo de emancipação dos athsheanos, desde o reconhecimento de sua condição de expropriados até o conflito derradeiro com os terráqueos (SILVA, 2019).

Por estarem em Athshe por conta da madeira, a expedição de Davidson promove o desmatamento das florestas que cobrem todo o planeta, começando pelo território onde fixam sua base de operações, local denominado “Novo Taiti”. Em certo trecho da narrativa, um dos personagens evoca o próprio título do livro ao dizer que “a palavra athsheana para mundo também é a palavra para floresta” (p.72), ou seja, para os nativos do planeta, o conceito de mundo e de floresta é intrínseco e indissociável, sendo o entendimento dos terráqueos diametralmente oposto:

Mas agora os homens estavam ali para pôr fim à escuridão e transformar o emaranhado de árvores em tábuas bem serradas que, na Terra, eram mais valiosas do que ouro. Literalmente. Porque o ouro

podia ser extraído da água do mar ou do solo abaixo do gelo da Antártica, mas a madeira, não. Madeira só vinha de árvores. E era um luxo realmente necessário na Terra. Por isso as florestas alienígenas se tornavam madeira. Em três meses, com serras robotizadas e caminhões, os duzentos homens já tinham cortado uma extensão de quase treze quilômetros (LE GUIN, 2020, p.15)

Em contrapartida a esta perspectiva dos humanos da Terra, a autora introduz o modo de pensar dos humanos nativos de Athshe, concentrado na voz de Selver; o segundo capítulo do romance, em que o personagem é introduzido e seu ponto de vista apresentado, se inicia com uma descrição da floresta que sinaliza que não mais estamos lendo os pensamentos de Davidson: “na floresta, nenhum caminho era livre, nenhuma luz era contínua, em meio ao vento, à água, à luz do sol, à luz das estrelas, sempre se embrenhavam folhas e galhos, troncos, raízes, o sombrio, o complexo” (LE GUIN, p. 31). Em diálogo com um ancião de seu povo, Selver relata aquilo que conseguiu compreender sobre os terráqueos (que ele chama de *yumanos*) por meio das conversas com Lyubov, o antropólogo:

Grande parte do que ele me contou não consegui entender. Não era a língua que me impedia; conheço a língua dele, e ele aprendeu a nossa; nós escrevemos as duas línguas juntos. No entanto, teve coisas que ele falou que eu jamais conseguiria compreender. Ele disse que os *yumanos* são de fora da floresta. Isso é bem claro. Disse que querem a floresta: as árvores para madeira, a terra para plantar relva. Isso também ficou claro para aqueles de nós que os viram derubando o mundo [...] tudo isso, como você pode ver, não ficou claro para mim. Repito as palavras dele, mas não sei o que elas significam. Isso não importa muito. É claro que querem nossa floresta para eles (LE GUIN, 2020, p.47).

Ao lermos esta citação acima, é possível estabelecer um olhar paralelo que reconhece que, assim como os fictícios athsheanos de Le Guin, muitos povos indígenas e aborígenes ao redor do mundo consideram-se povos da floresta e lutam, ainda nos tempos atuais, para manter a posse de seus territórios e preservar seus conhecimentos tradicionais e modos de ser e estar neste planeta. De fato, muitos povos indígenas no

Brasil se definem como povos da floresta e estão constantemente resistindo à apropriação, exploração e expulsão de seus territórios.

Segundo Danowski e Castro (2014) para o povo Yanomami, por exemplo, a palavra que se refere à *natureza* também é significativa para *floresta*. No sistema de conhecimento deste povo, os animais não-humanos, os vegetais, a água e o solo são seus parentes, ligados pelo elo com a floresta. Inoue (2020) cita Davi Kopenawa ao observar que, segundo o xamã, os brancos não compreendem os motivos dos Yanomami buscarem preservar sua floresta, uma vez que, para este povo tradicional, o significado da floresta está para além daquilo que ela produz e o valor intrínseco da biodiversidade não se reduz aos seus usos medicinais, alimentícios ou científicos; a floresta não é considerada um “ambiente” que os circunda, mas sim uma extensão de suas próprias vidas. A diversidade biológica da floresta, ao lado das relações entre as árvores, o solo, a água, os animais não-humanos, os seres humanos e as entidades de suas crenças religiosas, constituem o próprio tecido do viver (INOUE, 2020).

Em determinado momento da narrativa, ocorre uma conferência entre líderes de diferentes planetas para discutir a colonização do planeta Athshe pelos terráqueos. Lyubov, o antropólogo, tenta convencê-los de que o desmatamento imposto ao território terá sérias consequências à vida da população nativa e faz um apelo para que as florestas, e conseqüentemente a cultura dos povos nativos, sejam preservadas. O personagem explica aos membros da conferência alguns aspectos socioculturais dos athsheanos, especialmente no que diz respeito ao não emprego de violência física para resolução de conflitos e ao canto como canalizador de agressividade:

Os athsheanos usam uma espécie de **canto ritualizado para substituir o embate físico**. Mais um fenômeno social universal que pode ter uma base fisiológica, embora seja muito difícil estabelecer algo como “inato” nos seres humanos [...] **eles formam uma sociedade estática, estável, uniforme. Não têm história**. Estão perfeitamente integrados e, em sua totalidade, não progressistas. Pode-se dizer que, como a floresta em que vivem, alcançaram um estado de apogeu. Mas não quero dar a entender que são incapazes de adaptação (LE GUIN, 2020, p. 62, grifo meu).

O fato dos athsheanos - pejorativamente chamados de “creechies” pelos terráqueos, termo que soa como a palavra *creature* (criatura, no inglês) - desconhecem a violência física e resolverem seus conflitos internos por meio de disputa de canto (ou de vocalização, mais propriamente, segundo a descrição) é mais uma diferença cultural que espanta e mesmo causa repulsa nos terráqueos, especialmente em Davidson. A afirmação de Lyubov, conforme o grifo, que o povo de Athshe “não tem história”, pode ser interpretada segundo o próprio conceito antropológico de cultura, haja vista que a história e a cultura de um povo caminham juntas. Da Matta (2006) afirma que a ideia de cultura permite “uma perspectiva mais consciente de nós mesmos”, uma vez que não há humanidade sem cultura e, por isso, este conceito permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores, logo, dizer que determinado povo “não tem história” ou não tem cultura é desconhecer o próprio conceito do termo, haja vista que “a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos” (DA MATTA, 2006,).

Outra construção cultural apresentada no romance que parece ter sido inspirada na realidade é a articulação de dois espaços-tempo: o “tempo do mundo” e o “tempo do sonho”. Ambos estão sobrepostos, uma vez que os athsheanos se valem do ato de sonhar, seja em sono ou em modo desperto, para acessar o futuro e circular entre essas duas dimensões. Os athsheanos vêm no ato de sonhar um método de investigar o presente e conhecer o futuro, sendo que “ao sonhador cabia a responsabilidade de ser cauteloso, de certificar-se de que o seu juízo correspondia à realidade” (LE GUIN, 2020, p. 34). Aqueles e aquelas que sonham, se deslocam para o mundo dos sonhos a fim de aprender qual caminho e decisão tomar para realizar a ação no tempo do mundo. Dessa forma, os sonhos influenciam diretamente na organização da sociedade de Athshe. O trecho a seguir demonstra a articulação entre ambos os espaços-tempo:

Coro Mena [o velho sonhador] sentiu que um medo irracional o afligia e caiu no sonho para descobrir a razão desse sentimento; pois ele era um homem velho e perito de longa data. No sonho, gigantes caminhavam, fortes e medonhos. Seus membros de escamas secas

estavam envoltos por tecido, seus olhos eram pequenos e claros, como contas de lata. Atrás deles, se moviam enormes objetos feitos de ferro polido. À sua frente, as árvores caíam (LE GUIN, 2020, p.34).

Esta visão de Coro Mena, evoca, mais uma vez, outro paralelo com conhecimentos tradicionais de povos indígenas, dessa forma, resgata-se o que Ailton Krenak considera sobre os sonhos:

Para nós o sonho é um sonho de verdade, um sonho verdadeiro, e tem sonho, sonho de verdade é quando você sente, comunica, recupera a memória da criação do mundo onde o fundamento da vida e o sentido do caminho do homem no mundo é contado pra você (KRENAK, 1992)

Krenak (2020) compreende que o ato de sonhar trata-se de prática vital para diferentes povos e culturas e não se restringe à uma experiência cotidiana de dormir e lembrar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as escolhas do dia a dia. Silva (2019) ainda observa que os xamãs Yanomami, assim como os Krenak, também investigam a vida através dos sonhos; Davi Kopenawa, por exemplo, critica a forma como os brancos sonham: “quando dormem, só veem no sonho o que os cerca durante o dia. Eles não sabem sonhar de verdade, pois os espíritos não levam sua imagem durante o sono.” (SILVA, 2019 *apud* KOPENAWA e ALBERT, 2015).

Há, no romance de Le Guin, uma crítica semelhante, pois os athsheanos estranham o fato de os terráqueos não serem capazes de sonhar acordados ou de compreenderem seus sonhos:

Você viveu entre eles, então me diga, Selver, eles sonham?

Como crianças, durante o sono.

Eles não são treinados?

Não. Às vezes, falam de seus sonhos, os curandeiros tentam usá-los para cura, mas nenhum deles é treinado ou tem alguma habilidade para sonhar. Lyubov, que me ensinava, me entendeu quando lhe mostrei como sonhar, e mesmo assim, ele chamou o tempo do mundo de “real” e tempo do sonho de “irreal”, como se essa fosse a diferença entre eles (LE GUIN, 2020, p. 39).

No desfecho da narrativa, é justamente por meio da investigação dos sonhos que os nativos conseguem planejar os esforços de resistência, combater os terráqueos e salvar seu planeta do destino assombroso vivido pela Terra, evitando que Athshe se converta em exemplo fictício da observação de Kopenawa e Bruce Albert: “{...} de um lado, a beleza da nossa floresta e, do outro, a terra dos brancos, devastada e coberta de desenhos e recortes, como uma velha pele de papel rasgada.” (SILVA, 2019 *apud* KOPENAWA e ALBERT, 2015).

Estas alegorias etnográficas em “Floresta é o nome do mundo” demonstram a necessidade de se vislumbrar, por meio da especulação ficcional, novas formas de relações sociais e ecológicas, mais justas, equilibradas e democráticas. A literatura é, de fato, uma forma de recriar a vida e compreender que há outras formas de ser e estar no mundo, formas mais harmoniosas de se relacionar com o planeta e com os povos que nele habitam; a ficção nos possibilita sonhar com novos futuros possíveis.

REFERÊNCIAS

- DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Há mundo por vir? Florianópolis, *Desterro: Cultura e Barbárie*, 2014.
- DA MATTA, R. Você tem cultura? *Jornal da Embratel*, p. 1-4, 1987.
- GUIN, Ursula K. Le. *Floresta é o nome do mundo*. São Paulo: Morro Branco, 2020. 158 p. Tradução de Heci Regina Candiani.
- INOUE, Cristina Yumie Aoki. Abordagem dos muitos mundos aplicada ao estudo da política ambiental global no antropoceno: vozes indígenas na amazônia. *Revista de Relações Internacionais da UFGD*, Dourados, v. 9, n. 18, p. 435-460, dez. 2020.
- JONAS, Gerard. Ursula K. Le Guin, Acclaimed for Her Fantasy Fiction, Is Dead at 88. *The New York Times*. New York. jan. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/01/23/obituaries/ursula-k-le-guin-acclaimed-for-her-fantasy-fiction-is-dead-at-88.html>. Acesso em: 03 abr. 2023.
- KRENAK, Ailton. Antes o mundo não existia. In NOVAES, A. (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, Companhia das Letras, 2020, p.37-72.
- SAVI, Melina Pereira. Looking to Ursula K. Le Guin's, The word for world is forest to find ways to respond to the dilemmas of the anthropocene. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 74, n. 1, p. 533-551, abr. 2021.
- SILVA, Letícia Pilger da. The word for world is forest: um diálogo entre as poéticas ameríndias e a ficção etno-especulativa. *Revista Versalete*, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 239-257, jun. 2019.